



rumores e ruídos

SALVE, JORGE!

Relembro aqui três pequenas histórias pessoais que me ajudaram a entender, sem as censuras da crítica literária, a condição de “best seller” do baiano Jorge Amado, que completaria na sexta passada 100 anos. Com mais de 20 milhões de exemplares vendidos no Brasil e, segundo dados não oficiais, mais de 200 milhões em todo o mundo, traduzido em mais de 50 países, Jorge é lido e amado.

Fui leitora sua desde a adolescência, já que as escolas costumavam indicar os romances “Mar Morto” e “Capitães de Areia” como referências obrigatórias ao longo do antigo Segundo Grau. Guardo daquelas primeiras leituras impressões sensoriais e um quê de engajamento social que, mesmo hoje, como as ondas do mar, vão e vêm em minha memória. E foi com esse gosto de maresia e liberdade que ouvi de uma professora, já nos bancos da universidade, o que, na ocasião, me pareceu uma heresia, mas que, com o tempo, ganhou suas dimensões conceituais e seu peso de verdade: “Clarice (Lispector) é uma chata, Jorge Amado é quem sabe contar histórias”. E quem há de negar que, nesse quesito, poucos lhe roubariam o posto, já que Paulo Coelho não conta, e suas “cifras” de venda, se superiores, não lhe dão a honraria de escritor mais popular da literatura brasileira.

Assustada, com o coração aos pulos e a cabeça fervendo, não entendia que Clarice pudesse ser chata. Era tão lindo ler “que se deve viver apesar de”. Como, à época, eu ainda não conhecia o Jorge, cronista da cultura regional baiana, à qual tentavam imputar, nos anos 30, um lastro nacional, confesso que não entendi muito bem aquela colocação tão provocativa, seguida de um risinho torcido no canto da boca e do silêncio que se impôs em sala.

Nos anos seguintes a esse susto, fiquei tentando desvendar as razões daquele comentário e, para isso, me debrucei sobre outras obras de Jorge e sobre a Clarice de “A paixão segundo GH”. Meio envergonhada por não ter conseguido fazer uma interpelação sequer e sem querer dividir com minha



mãe Ruth Maria, mestra maior e de todas as horas, a tortura daquele enigma, fui solitária e silenciosamente construindo uma resposta que só se consumou, em definitivo, bem mais tarde, quando ouvi de uma amiga, também professora, a indignação de uma aluna que estava lendo, por indicação dela, “A hora da estrela”, de Clarice: “Pô, professora, já estou na página 30, e não acontece nada, cadê a história?”. Já então eu sabia que Clarice escrevia com fiapos de histórias, quase nenhuma sequência de episódios, que o tecido de sua literatura se fazia nos desvãos das palavras, em seus intervalos, em seus parênteses, no livro dos prazeres, que começava com uma vírgula e terminava com reticências, porque a história, no fundo, é atribuição da imaginação do leitor.

O Jorge, contador de histórias, o criador de narradores de “causos” e costumes, figura sempre nas prateleiras, ainda que escondidas, de livrarias mundo afora. Lá no setor literatura latino-americana, literaturas de língua portuguesa, há sempre “Gabriela, cravo e canela” e “Dona Flor e seus dois maridos”. Nem sempre Clarice está lá. Já fiz uma pesquisa informal em livrarias de Lisboa, Madrid, Barcelona e Paris. Em Buenos Aires, Clarice é incontestada. Tenho que reconhecer que, nessas mesmas, o Coelho está sempre obscenamente à vista nas prateleiras de escritores internacionais e mais vendidos. Mas essa é outra historinha.

A terceira delas me foi contada mais recentemente, por minha mãe, a propósito das comemorações do centenário de Jorge Amado e de sua popularidade indiscutível. Ela me dizia que sugeriu à minha avó, leitora pouco habitual, “Dona Flor e seus dois maridos”, e que esta lhe teria retrucado que era livro grande, muitas páginas, provavelmente cansativo. Mas com alguma insistência acabou lendo e se divertindo. Minha mãe contou que, muitas vezes, encontrara minha avó rindo sozinha com o livro nas mãos, porque, talvez, assuntos que vexassem as senhoras, nas palavras de um Nelson Rodrigues, eram, nas de Amado, divertidas e apimentadas cenas de um enredo fluido. Esse relato me trouxe uma saudade apertada de minha avó, com quem sempre conversei muito, mas, infelizmente, nunca sobre Jorge Amado.



rumores e ruídos

O que talvez tenhamos que entender é que literatura não é só a história que se conta. Se assim fosse, Clarice e outros tantos seriam realmente muito chatos, pois se valem do engasgo, do anti-clímax, da pouca história. Riobaldo, criatura de Guimarães Rosa, dizia, nas veredas do sertão, que seu compadre Quelemém queria “não o caso inteirado em si, mas a outra coisa, a sobre- coisa”. Rosa seria um ótimo exemplo dessa mediação entre a prosa corrente de Amado e o estranhamento clariceano. Escritor que nunca economizou personagens, episódios e enredo, mas a quem nunca faltaram o escorregadio, as lacunas e os porões das palavras.

Hoje, se possível fosse, pegaria minha avó pela mão e a levaria para aclarar aquele silêncio que se fez na sala e para constatar, definitivamente, que Jorge Amado transita soberano, obá (ancião sábio) que foi, entre a cultura letrada e a de massa.

